

DESLOCAMENTOS DO ENSINO MISTO NO PARÁ: ADESÕES E DIVERGÊNCIAS

Clarice Nascimento de Melo* - UFPA/PPG-UFRN

Introdução

Homens e mulheres, meninos e meninas numa mesma sala de aula, ouvindo, falando, aprendendo a mesma lição. Esta é uma cena tão recorrente em nossa experiência escolar do presente que chega a ganhar dimensões de naturalidade; parece tão banal a idéia – ou a prática – do ensino misto, que chega a causar espanto, sobretudo às gerações mais jovens, o fato de que em outros tempos e lugares tivesse havido um divisionismo nos espaços, horários e saberes escolares, fundamentado em critérios sexuais. Pois bem, um mergulho em nossa história passada, mostra que a experiência separatista, tão sólida até meados do século XIX, veio perdendo fôlego em fins desse mesmo século, em meio a falas controversas - tendo perdurado até os anos 70 do século passado, fundamentalmente em escolas religiosas. Se, num primeiro olhar, esse parece ser um fato irrisório, seus significados no campo educativo aparecem quando a história da educação é visitada num enfrentamento com as práticas, valores, concepções, enfim, com a cultura que produz e é produzida pela escola; nesse enfrentamento, a implementação do ensino misto se descola de seu sentido político – da prescrição pelo Estado – e se reveste de um dinamismo produzido por sujeitos em relações sociais que, em embates, disputas, consensos e dissensos, constroem a educação paraense.

É nesse campo que podemos ouvir das marcas documentais do fim do século XIX as vozes de mulheres que, já bastante familiarizadas com o mundo das letras, se imiscuem nos debates do campo educativo e ajudam a sedimentá-lo. Logo, a educação de mulheres e a co-educação dos sexos – temas polêmicos desde sua origem – foram idéias e práticas que sinalizaram diferentes interesses e concepções, adesões e divergências, constituídas

em meio aos “tempos modernos”, ao mesmo tempo em que mostram a participação efetiva dessas mulheres letradas na sociedade, numa mediação com a cultura local. Dessa mediação é possível indagar: o que pensaram e como agiram as mulheres, educadas e educadoras, em meio a esses embates? Quê representações, de homens e mulheres, estão presentes nas falas que ora defendem, ora reprovam a junção dos sexos num mesmo espaço escolar?

Trago para este texto um pouco dessas questões problemáticas na forma de apontamentos que culminarão na tese doutoral intitulada **Processos constituidores do ensino misto no Pará: a participação de mulheres nessa história**¹. Menciono, preliminarmente, as relações da instituição dessa modalidade de ensino às questões de gênero, imbricadas na cultura paraense do início do século XX, mostrando que as diferenças entre os sexos no campo educacional condicionam e, ao mesmo tempo, estão condicionadas às diferenças estabelecidas no campo da cultura e da sociedade, problematizando as diferentes formas que o ensino misto foi tomando, como resultado tanto das reformas educacionais, quanto da formação da sociedade paraense republicana. Trago sinais do debate sobre o ensino misto, já indicando alterações, de posicionamentos favoráveis aos desfavoráveis, que insinuam a participação de mulheres nessa história.

Um “assento” teórico-metodológico

As buscas que faço me impelem a apresentar os percursos da instituição do ensino misto no Pará, como um resultado parcial de uma primeira aproximação com as fontes documentais. Das fontes escritas privilegiadas para estudo retiro as pistas basilares do trabalho. Daí ser a pesquisa documental o artifício fundante do percurso metodológico, empreendido num esforço de compreensão do explícito e do subliminar posto em estudo intenso do material documental².

A abordagem historiográfica privilegia a história “vista de baixo”, com sua

preocupação em fazer história de pessoas comuns³, por permitir apresentar a história da educação construída também por mulheres, em relação com os outros sujeitos sociais em diferentes espaços e tempos. A história das mulheres, como uma especificidade no campo historiográfico, me auxilia num descortinamento dos debates sobre a participação de mulheres nos espaços públicos e privados e, mais especificamente, sobre sua ação nos processos de constituição da educação, no embate entre o discurso da modernidade e as práticas tradicionais, reservando um lugar à parcela da sociedade brasileira numericamente mais expressiva, guindada à condição de objeto e sujeito da história⁴. A problematização concernente ao material documental é criada no sentido que nos ensina Le Goff⁵, como documento/monumento, situado nos marcos históricos de sua produção e conservação, envolto às tessituras do poder que situam as falas dos sujeitos nele encontrados.

Artigos pessoais, relatórios da educação constantes em revistas educacionais registram falas de professoras e estudantes sobre temas variados, de onde é possível cartografar seus modos de interferência no campo educativo. Os decretos, leis, relatórios serão examinados como referência o contexto histórico, por onde as marcações e os ajustes na educação e no ensino misto podem ser mais visíveis. Nos jornais diários de circulação local são buscadas as experiências educativas, as ações diárias dos sujeitos que produzem a educação. Com eles é possível “[...] compreender as relações entre teoria e prática, entre os projectos e as realidades, entre a tradição e a inovação”.⁶

O exercício analítico se faz no deciframento desses documentos, investigando indícios das conexões pertinentes entre educação, ensino misto, cultura e sociedade⁷, expondo meandros, na busca de pistas reveladoras das adesões e divergências que engendram um processo educativo não linear.

Ensino misto e relação de gêneros: uma história a ser contada

As experiências com o ensino misto no Brasil são variáveis em modos e tempos. O que as une inicialmente, é o fato de elas principiam em cursos de formação de professores, para só posteriormente se espriarem na escolarização primária. A mais antiga experiência ocorreu na Escola Normal de Niterói⁸, na década de 80 do século XIX, mas já mostrou desde que sua implementação não ocorreria consensualmente; as discussões no campo educativo se ampliaram, parcelas da sociedade fizeram oposição e sua efetivação teve repercussões em todo o país.

No Pará, de acordo com Vianna,⁹ a ação do Estado se faz dirige nesse sentido em concomitância às reformas pretendidas pela Instrução Pública do Pará, logo após a tomada do poder pelos republicanos. No terreno da formação de professores a co-educação dos sexos ocorreu oficialmente através do Decreto nº 165 de 23 de julho de 1890, o qual reuniu as duas escolas normais – uma feminina e a outra masculina - em uma só, ganhando plano de ensino no ano seguinte. Na educação primária, os grupos escolares – criados com a reforma de 02 de janeiro de 1899, na administração do Governador Paes de Carvalho – vão juntar, ao menos aparentemente, meninos e meninas na mesma formação escolar, dando um passo mais ostensivo na co-educação dos sexos.

Contudo, numa primeira aproximação com as fontes documentais, foi possível perceber que o ensino misto, ao contrário do que se propaga, não se constituiu de uma vez por todas durante o império ou mesmo logo após a adesão ao governo republicano, com a criação dos grupos escolares¹⁰. Ao longo das décadas seguintes à criação dos grupos escolares, podemos ver diversos modos de ensino misto sendo construído, também com intensidades diferentes em todo o Estado, moldados por idéias e práticas díspares, que denunciam um percurso não linear e muito mais consolidado no campo da cultura do que das prescrições oficiais.

É visível no texto de Ferreira dos Santos, publicado em 1912, que, mesmo após o ensino misto ter-se tornado uma modalidade de ensino prescrito na legislação vigente à época, a aproximação dos sexos no espaço escolar não era consenso. Numa análise inicial podemos ver a discussão sobre o ensino misto associado a várias outras questões sociais.

A educação mista aparece no texto, associada às reivindicações feministas, sendo as mesmas apontadas de modo depreciativo, a um carácter vulgar e frívolo e, portanto, é recusada pelo autor como uma alternativa de ensino que convenha aos interesses nacionais:

Serde as frivolas representantes d'essa falsa cultura, que, esmantadas nos exageros de um snobismo cabotinesco e ridiculo advogam o feminismo e discutem as vantagens do amor livre, as mães de família, a cuja tutelar solitudine acrisolar-se-ão na alma das gerações vindouras as masculas virtudes em que se alicerçará a grandeza do Brazil?¹¹

Em seguida o autor expõe os elementos basilares que o colocam em oposição ao ensino misto, argumentando que, a despeito do discurso progressivo embutido na defesa da junção dos sexos nas salas de aula, as peculiaridades de nossa formação étnica e cultural são vetores de resultados positivos de tal empreitada:

Asseveram os defensores da coeducação dos sexos que todos os povos cultos a empregam, auferindo portentosos elementos de progresso. [...]

Na elucidação da these que sustento, sou forçado a relembrar idéas já adduzidas por mim, noutras occasiões, em que tenho insistido sobre a differença irreductivel e fundamental que existe entre a demopsychologia dos brasileiros e a de outros povos, cujos methodos culturaes, por isto mesmo, nem sempre nos convêm. [...]

Heterogêneas correntes ethnicas de reconhecida inferioridade moral, reunidas sob a influênciã de um clima, onde a temperatura elevada e a excessiva electrizaçã da atmospherã predispõem á indolência e a volúpia, amalgamaram-se, fundiram-se, produzindo brasileira actual, indolente, volúvel, sentimental e voluptuoso, cujo temperamento lascivo estha fremente na exuberância do lyrismo nacional, desde o espontaneo e pitoresco trovar dos rhapsodos anonymos, que ao som da viola descantam nos absconsos recessos dos sertões patrios, até as requisitadas e fúlgidas estrophes de Bilac.

E a um povo assim, em cuja alma rugem, revoltados contra o fragil dominio de uma civilizaçã de quatro seculos, os grosseiro instinctos de duas raças primitivas e broncas, pode-se-á porventura preconizar o mesmo systema de educaçã praticado pelas gentes que, ha milenios, desde as remotas migrações aryanas, estanceiam nas frias regiões da Europa septentrional?

Não.

A promiscuidade dos sexos nos estabelecimentos de ensino, necessaria aos povos germanicos, onde ella minora e aplaca a rudeza imnata que lhes herdaram os asperos conquistadores do imperio romano, é perniciosa ao Brasil, onde uma raça enervada e lasciva precisa de retemperar-se no ambiente austero d'um longo apprendizado moral e physico.¹²

O autor expressa peremptoriamente sua rejeição ao ensino misto, usando argumentos de origem histórica e, sobretudo, de ordem moral: um dos pilares do discurso modernizante do início do século XX. Mas fundamentalmente evidencia que sua rejeição em relação ao ensino misto está envolvida em padrões sexualmente diferenciados, portanto, generificados.

Um pouco mais tarde, num caminho adverso do qual trilhou Santos, Anita Muller, uma voz expressiva e reivindicatória não apenas dos direitos das mulheres à escolarização e também da equidade dos sexos em relação aos saberes escolares, propõe que a educação física faça parte da formação escolar feminina, aos moldes do que já era prescrito para a formação escolar masculina. Sua fala diz, sub-repticiamente, sobre as necessidades de mudanças nas práticas escolares, ao mesmo tempo em que revela um modo de participação de mulheres nesse debate:

E porque esta antinomia entre a educação dos sexos??...

Qual a razão que justifica, scientificamente a gymnastica para os homens e a condena para as mulheres.

Não se antolha uma pagina auctorizada de sciencia que abone tal divergencia; as que tentam fragilmente applaudil-a vêm sempre inspiradas pela ebrier desequilibrada do velho romantismo, desse empoado romantismo que morreu com Werther e Corina; floração de ramas desfibradas que, sem raizamentos fundos no seio opulento da natureza humana, voou irresistível, as primeiras rajadas que lhe bateram no tronco debil e enfesado.

Não, meus senhores, razão nemhuma permite essa divisão hierática, no campo educativo; a mulher como o homem, em seu conjuncto – cerebro, musculos, tendões e nervos – precisa do aperfeiçoamento paralelo do physico, do psychico.¹³

Nessas duas falas estão presentes dissensos que demosntram não ser possível apreender os meandros constituintes do ensino misto apenas em seu universo institucional e curricular, numa trajetória linear. Ao contrário, é necessário capturá-lo em sua essência,

como um elemento cultural da sociedade paraense, realizada em meio a embates, conflitos, recuos e avanços. O seu processo constitutivo está mediado por valores, normas e práticas sociais que transitam entre o “novo” e o “velho”, entre o tradicional e o pretensamente moderno.

A junção de homens e mulheres num mesmo ambiente escolar não ocorreu sem resistências¹⁴, o que indica que os processos de consolidação dessas escolas perpassam por meandros que juntam aceites e restrições, num movimento relacional e conflituoso a ser posto em cena.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora da Universidade Federal do Para. claricem@uol.com.br.

¹ Projeto de tese orientada pela Profª Drª Maria Arisnete Câmara de Moraes, inserido na linha de pesquisa Cultura e História da Educação, do Programa acima citado.

² G. LEVI. “Sobre a micro-história” em P. BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: EDUSP, 1992.

³ J. SHARPE. “A história vista de baixo” em P. BURKE. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. e

E. HOBSBAWM. *Sobre história*. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁴ R. SOHET. “História das Mulheres” em C. F. CARDOSO; R. VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da história*. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro. Campinas, 1997.

⁵ J. Le Goff, *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992

⁶ A. Nóvoa, 1997, p. 31

⁷ C. Ginzburg. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁸ H. VILLELA. “O mestre-escola e a professora” em E. LOPES et.all. (org.). *500 anos de educação no Brasil*.

⁹ Ver Arthur Vianna. Esboço retrospectivo da Instrução Pública no Pará. In: Pará. Secretaria de Estado de Educação. *A Educação no Pará*; Documentário. Belém: SEDUC, 1987.

¹⁰ Esse movimento é percebido desde as formas preliminares de ensino misto, quando as escolas eram divididas por sexos em turnos alternados, até o formato que temos hoje, com alunos e alunas em uma mesma classe.

¹¹ F. Santos. “O ensino misto no Brasil”, artigo pessoal publicado no periódico *Revista do Ensino*, em 1912, p. 401.

¹² Idem, ibidem, p. 401.

¹³ A. Muller. “A Educação physica da mulher”. Artigo pessoal publicado nos Annaes do Collegio Progresso Paraense (1907-1915). Belém: Grêmio Literário “Joaquim Nabuco”, 1915.

¹⁴ G. Inácio Filho. “Escola para mulheres no Triângulo Mineiro (1880-1960)” em J. C. ARAUJO; D. GATTI JÚNIOR (org.). *Novos temas em história da educação brasileira. Instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, EDUFU, 2002 – (Coleção memória da educação).

H. VILLELA O mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliane M. Teixeira et.all. (org.). *500 anos de educação no Brasil*.